

Outubro a Dezembro de 1911

BOLETIM DA ASSOCIAÇÃO

DOS

ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

(Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, fundada em 1863)

*Proprietaria e editora a Associação**Commissão redactora: — Ascensão Valdez, A. Lamas, Rocha Dias*

A responsabilidade dos escriptos publicados neste boletim pertence exclusivamente aos seus auctores.

A COMEMORAÇÃO

DO

DR. SOUSA VITERBO

(Esboço do ultimo capitulo da sua biografia)

Notas biograficas

Nasceu Francisco Marques de Sousa Viterbo no Porto a 29 de dezembro de 1845. Iniciou as suas publicações poeticas em 1862, na *Grinalda*. Coursou o Seminario, a Escola Medica do Porto e a de Lisboa, até 1876. Casou em 1876, com D. Sofia Virginia Leite de Sousa Viterbo. Socio da Sociedade de Sciencias Medicas em 1877; carta do curso em 1880. Vai a Londres em 1881, encarregado da exposição portugueza d'arte, tendo auxiliado em 1880 os trabalhos de trasladação dos ossos de Vasco da Gama. E' nomeado professor da 3.^a cadeira da Escola de Belas Artes, em decreto de 23 de junho de 1881. Colabora no Centenario de Calderon (1881) e faz parte da Commissão para a Exposição de Arte Ornamental, elaborando parte do Catalogo, em 1882. Frequenta os arquivos, reunindo elementos documentaes, de 1881 a 1898. Redactor do *Diario de Noticias* desde 1883, sendo antes redactor efectivo e correspon-

dente do *Jornal do Porto* (1866), da *Independencia Portugueza* (Porto, 1877), do *Comercio Portuguez* (Porto, 1877-84), do *Jornal da Manhã* (Porto, 1884), do *Cruzeiro* (Rio de Janeiro, 1881), do *Primeiro de Janeiro* (Porto, 1888) etc.

Socio do Instituto de Coimbra, 1891, da Associação dos Arqueologos, 1894, da Academia das Sciencias, 2.^a classe, 1897; honorario do Instituto de Coimbra, 1899; da *Academia Real de Historia*, de Madrid, em 1899; honorario e de merito dos Arqueologos, com a medalha de prata, 1901-1903-1906; membro da Comissão academica do Centenario Colombino, 1892. Encarregado de escrever o *Diccionario dos Architetos*, em 1901.

Enfermo desde 1898, depois cegou completamente, entregando-se ás suas publicações numerosas, até que faleceu em 29 de dezembro de 1910, na R. da Escola Politecnica n.º 43, 2.º

À Comemoração

Morto Sousa Viterbo em 29 de dezembro de 1910, no proprio dia do seu funeral se reunia a Associação dos Arqueologos, levantando-se a sessão em signal de sentimento, depois de palavras saudosas do vice presidente Rozendo Carvalheira e de D. José Pessanha, tendo-se resolvido tomar a iniciativa da comemoração do illustre extincto.

1.º—Ficou indicada e votada n'esta sessão a comissão organisa-dora d'essa comemoração, formando-a os seguintes socios: presidente o presidente da Associação, general Adolfo Loureiro; vice-presidente, Rozendo Carvalheira; secretarios, G. Matos Sequeira e Adães Bermudes, e os socios dr. Alfredo da Cunha, Mena Junior e Victor Ribeiro, agregando-se depois o socio Pedro de Azevedo e o general Brito Rebelo, os dois colaboradores mais assiduos de Sousa Viterbo.

2.º—Em 12 de janeiro, a 2.^a classe da Academia consagrou a sua sessão á comemoração de Viterbo, lendo ou proferindo elogios funebres os socios Lopes de Mendonça, Victor Ribeiro, Leite e Vasconcellos, David Lopes, Coelho de Carvalho, Christovão Aires e Pedro de Azevedo. Desta sessão se publicou a acta no n.º 4 do *Boletim* da segunda classe (janeiro 1911).

3.º—Artigos de homenagem fôram publicados, não só nos

jornaes diarios que noticiaram a morte e o funeral, como o *Diario de Noticias*, *O Dia*, *o Seculo* e *o Mundo*, como tambem nas principaes revistas de que Sousa Viterbo era colaborador. *O Occidente* dedicou-lhe o n.º de 10 de janeiro, com artigos de Brito Rebelo e Victor Ribeiro; a *Limia* (n.º 4, janeiro de 1911), abria com o retrato de Viterbo e artigos de Pedro de Azevedo e do dr. Alfredo da Cunha; o *Instituto*, (n.º 1, janeiro de 1911) dava logar de honra ao artigo do dr. Mendes dos Remedios; a *Ilustração Portuguesa*, de 23 de janeiro, publicava o artigo ilustrado de A. Guimarães; a *Gazeta dos Hospitales do Porto* registava o facto no numero de 15 de janeiro; os *Archivos da Historia da Medicina Portuguesa* (10 de janeiro), inseriam um artigo comemorativo do dr. Maximiano de Lemos; a *Gazeta das Aldeias*, pela pena do seu director Julio Gama registava a perda de Sousa Viterbo; o *Novo Mundo* referia-se a ela, em fevereiro; no *Brazil-Portugal* escrevia Camara Leme (janeiro); a *Mala da Europa* e o *Tripeiro* (do Porto) inseriam artigos necrológicos; na *Aurora do Cavado* (dezembro de 1910) escrevia o dr. Rodrigo Velozo; na *Arte Musical* (15 de janeiro) registava a perda do seu colaborador um artigo de Michel Angelo Lambertini; nos *Serões* (numeros de fevereiro e março) saíam artigos ilustrados de Portugal da Silva e Victor Ribeiro (tirando-se do d'este ultimo uma separata de 14 exemplares apenas, cartonada); no *Oriente Português* escrevia J. A. Ismael Gracias; o *Portugal Moderno*, do Rio de Janeiro, de 18 de fevereiro, transcrevia o artigo de Victor Ribeiro (do *Occidente*) e o artigo de Sousa Viterbo — *Drapeau rouge*.

4.º — A *Sociedade dos Architectos* tomou a iniciativa de solicitar do ministro do fomento a publicação do volume 3.º do *Diccionario dos Architectos*, que ficara inédito, em preparação, e a instancias da Comissão, por intermedio do socio Adães Bermudes, conseguiu que o illustre esculptor Francisco Santos, antigo pensionista em Paris e Roma, auctor do busto official da Republica, e hoje já bem conhecido pelos seus magnificos trabalhos, se encarregasse da modelação do busto de Sousa Viterbo. Por esta forma a *Sociedade dos Architectos* se associou á homenagem promovida pela Comissão da Associação dos Archeologos. O esculptor Francisco Santos, que fôra discipulo de Sousa Viterbo na Escola de Belas Artes, iniciou os seus trabalhos, socorren-

do-se da mascara que fôra tirada ao cadaver e dos poucos retratos existentes.

5.º — A Comissão, proseguindo nos seus trabalhos resolveu:

a) encarregar o socio dr. Alfredo da Cunha de elaborar c elogio funebre;

b) o socio Victor Ribeiro de escrever a biografia e a bibliografia, para precederem o 3.º volume do Diccionario dos Architectos;

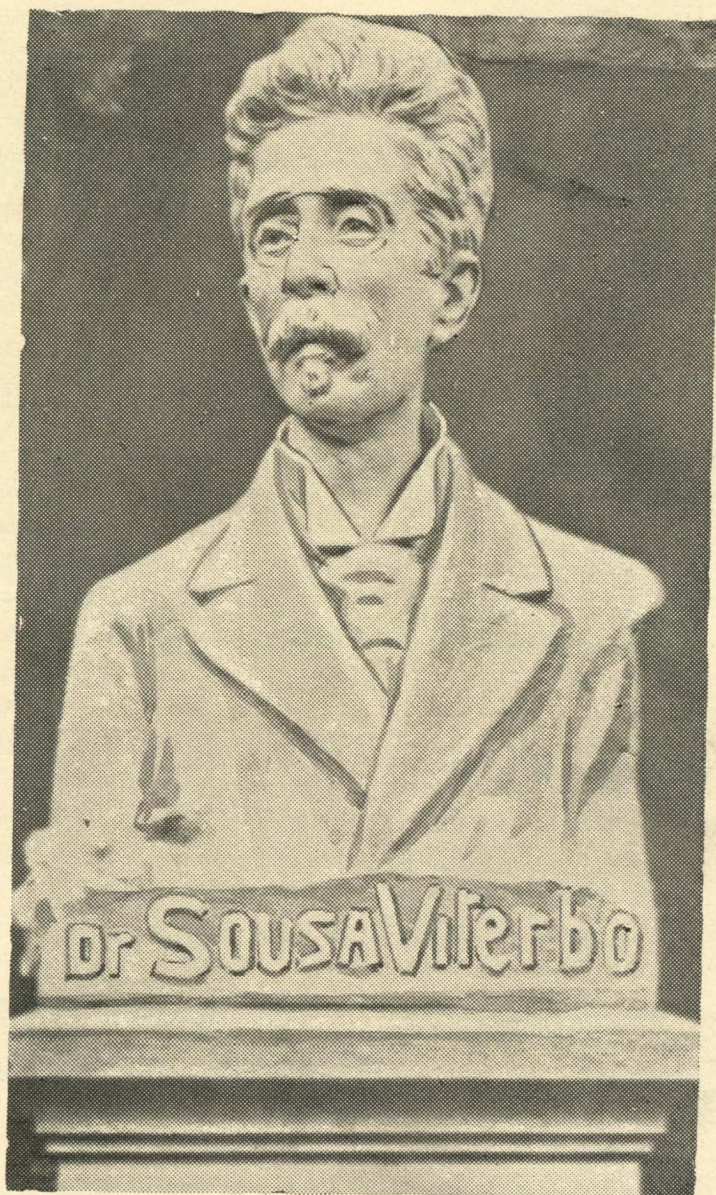
c) promover a publicação dos trabalhos inéditos, obtendo se desde logo que as separatas tiradas no Instituto fôsem de 100 exemplares em lugar de 50.

6.º — A pedido da Comissão e por intervenção graciosa do Comité organisador do Congresso de Turismo, e diligencias do socio José Queiroz, organisador do Museu de Mafra, inaugurado em maio de 1911, se obteve do ministro das finanças José Relvas que á sala principal daquelle Museu se dêsse o nome de *Sala Sousa Viterbo*, referindo-se-lhe elogiosamente o ministro no discurso proferido no acto da inauguração.

7.º — O dr. Alfredo da Cunha, por parte do *Diario de Noticias*, de que é director e proprietario, ofereceu fazer a edição commemorativa, de uma série de alguns dos artigos editoriaes doutrinarios com que Sousa Viterbo, durante tantos anos, colaborou n'aquela importante folha lisbonense.

8.º — A familia do falecido resolveu consagrar ao seu querido morto um monumento tumular, e encarregar da sua modelação o esculptor Francisco Santos, que executou uma bela obra de arte, modelando numa figura de mulher, encostada a uma coluna, que sustenta arruinado arco, onde se entrelaçam heras e flôres, mostrando no semblante a dôr e a saudade, e conservando na mão a mascara do falecido poeta e arqueologo. A Camara Municipal cede no cemiterio occidental o terreno necessario para o jazigo.

9.º — Em 31 de Dezembro de 1911 realisou se na sala da Associação dos Arqueologos, no edificio historico do Carmo, sob a presidencia do Presidente da Republica, dr. Manuel de Arriaga, e com a mais selecta e numerosa assistencia, a inauguração do busto de Sousa Viterbo e a leitura do Elogio pelo dr. Alfredo da Cunha. O *Elogio* foi, a expensas do seu auctor, impresso em elegante edição, ornada do retrato.



Na mesma ocasião se inaugurou na sala da biblioteca da Associação a exposição bibliografica dos trabalhos de Sousa Viterbo, a qual foi visitada pelo Presidente da Republica e por toda a assistencia, oferecendo-se o dr. Carvalho Monteiro, distincto bibliofilo e amigo do finado para publicar a expensas suas, a *Bio-bibliografia de Sousa Viterbo*, elaborada por Victor Ribeiro.

10.º — Além de diversos trabalhos inéditos que teem sido publicados e continuam a sel-o no *Instituto, Arte Musical, Archivos da Historia da Medicina portugueza, Boletim da Associação dos Archeologos, Memorias e Boletim da Academia*, a casa editora *Ferreira Limitada* vai publicar um volume de poesias da ultima fase de Sousa Viterbo, sob o titulo — *Ultimos Versos*, o qual se acha no prélo.

11.º — No dia 29 de Dezembro, primeiro aniversario do falecimento de Viterbo, era presente no Senado, a pedido da *Comissão Promotora da Comemoração*, um projecto de lei pedindo que se auctorizasse a fundição em bronze do busto de Viterbo, modelado por Francisco Santos.

O projecto era assinado pelo dr. Bernardino Machado e Abel Botelho, tendo sido apresentado por este ultimo, com calorosas palavras.

Este projecto porém não obteve o parecer favoravel da Comissão de finanças, suscitando tão extranho facto, bem como a mais extranha ainda argumentação do parecer, uma larga discussão da qual por emquanto resultou apenas a afirmação cada vez mais solene do alto valor e relevantes serviços de Sousa Viterbo.

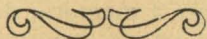
12.º — Proposta de Pedro de Azevedo na 2.ª classe da Academia, em sessão de 9 de fevereiro de 1911, para que, como o melhor monumento a consagrar á memoria de Sousa Viterbo, se iniciasse a organização de uma *bibliografia historica portugueza*, publicada anualmente, preenchendo assim uma lacuna grave — «que dá causa não só a perda de tempo nas buscas dos investigadores, mas ao perigo de tratar de um assunto que já anteriormente fôra explanado».

No Relatório da Direcção elaborado pelo seu dignissimo Presidente, o sr. D. José Pessanha, consigna-se que :

«A sessão solemne consagrada á memoria de Sousa Viterbo, apesar da sua singeleza, revestiu incontestavelmente, um alto e commovente significado. A ella assistiram as Ex.^{mas} viuva e filha de Sousa Viterbo, o Chefe do Estado, o sr. Presidente do Senado, representantes de corporações scientificas e litterarias, professores, homens de letras, jornalistas, muitas senhoras e grande numero de socios.

«O elogio historico, primoroso, modelar, traçado com uma grande elevação de critica e uma notavel belleza de fórma pelo nosso illustre consocio o senhor dr. Alfredo da Cunha, considera Sousa Viterbo como poeta, archeologo e pensador.

«O busto do nosso inolvidavel consocio foi obsequiosamente modelado pelo moço e já distincto esculptor Francisco dos Santos que, n'esse trabalho, tem mais uma brilhante demonstração do seu formoso talento. Entendemos que a nossa Associação cumpre um dever, conferindo-lhe, como vos propomos, o diploma de benemerito.»





Adolpho Ferreira Loureiros

Adolpho Ferreira Loureiro

Adolpho Ferreira Loureiro nasceu em Coimbra a 12 de dezembro de 1836.

Na Universidade de Coimbra cursou a faculdade de Mathematica, em que tomou o grau de bacharel formado em 1856, frequentando depois a Escola Polytechnica e a Escola do Exercito com destino á carreira militar.

Em 1858 foi promovido a alferes, fazendo serviço em Infantaria, Cavalaria e Artilharia, como preparação ao curso de Estado Maior, sendo promovido a tenente em 1860, a capitão em 1865, major em 1884 e a tenente coronel no mesmo anno, a coronel em 1893, a general de brigada em 1899, e a general de divisão em 1902 em que se reformou.

Em 1863 foi nomeado para servir no ministerio das Obras Publicas, desempenhando os cargos de director da 2.^a Circumscipção Hydraulica comprehendendo os serviços das bacias hydrographicas dos rios Mondego, Vouga e Liz; foi director dos trabalhos do porto de Lisboa, e das bacias hydraulicas entre os rios Liz e Guadiana.

Foi tambem director da construcção da penitenciaria de Coimbra.

Era presidente do Conselho superior de Obras Publicas e Minas, e da Associação dos engenheiros civis, e uma das mais notaveis individualidades scientificas da nação, que serviu com devotado amor, lealdade e competencia.

Na engenharia hydraulica são notaveis os seus trabalhos publicados: Estudos sobre o porto de Macau — Os Portos maritimos de Portugal e Ilhas Adjacentes — Projecto do melhoramento do

porto de abrigo e criação do porto comercial annexo, Porto de Leixões, etc.

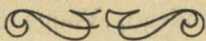
Dedicado tambem a estudos archeologicos, historicos, literarios e bibliographicos, possuia coleções importantes, sendo notaveis a Camoneana, a da Guerra Peninsular e a de objectos curiosos e lembranças do imperador dos francêses Napoleão I.

Foi vice presidente da Sociedade de Geographia de Lisboa e presidente do Conselho director da Sociedade literaria Almeida Garrett; era socio da Academia das sciencias de Lisboa, do Instituto de Coimbra, e de muitas sociedades scientificas e literarias estrangeiras.

Na nossa Associação era presidente desde 4 de fevereiro de 1909 em que tomou posse.

Faleceu em Lisboa a 22 de novembro de 1911.

Na sessão da assembléa geral realisada em 30 de novembro foi bem manifesto o sentimento unanime dos Consocios por tão lamentavel perda.



ACTA N.º 64

Sessão da assembleia geral em 30-11-911.

Foi aberta a sessão ás 9 ¹/₄ da noite, estando presentes além da meza, constituída pelos srs. Carvalheira, Nogueira de Brito e pelo signatario desta, os srs. Silva Leal, Jacintho Bettencourt, D. José Pessanha, Ferreira Braga, E. da Rocha Dias, Mena Junior, Ernesto da Silva, Luiz Bettencourt e Rodrigues Fernandes.

Foi lida a acta da sessão anterior em seguida á qual a assembleia aprova, por proposta do sr. vice-presidente, Rosendo Carvalheira, que a sessão seja exclusivamente dedicada á comemoração da morte do nosso presidente Conselheiro Adolfo Loureiro.

O sr. Jacintho Bettencourt justifica a falta dos srs. dignos socios Santos Ferreira e Ornellas Cisneiros, justificando o sr. Nogueira de Brito a do sr. Pedro de Azevedo e o sr. D. José Pessanha a do sr. José Queiroz.

Depois o sr. Carvalheira, usando da palavra declara ser desnecessario acentuar a grande perda soffrida pela associação com a morte do seu chorado presidente, classificando tal facto como um verdadeiro desastre associativo. Traça em seguida em sentidas e quentes palavras o perfil do extinto, raro devotado que foi, espirito ilustradissimo e esclarecido, trabalhador infatigavel, engenheiro distinto entre os mais distintos.

Os beneficios feitos á associação, que foi como uma sua filha dileta, são inumeraveis e valiosos. Sua Ex.^a acentua a necessidade de comemorar condignamente a memoria de tão illustre e devotado presidente, e diz que nos devemos reunir para trocarmos impressões ácerca do modo como essa comemoração deve ser feita e acaba por propor á assembleia que se assente desde já em tres pontos principaes dessa comemoração quaes sejam a publicação do numero do Boletim, referente ao mez corrente, unicamente consagrado á sua individualidade, a leitura do seu elogio em uma sessão solene e a inauguração do seu retrato, colaborando nesse numero do Boletim todos os socios que ah! quizerem deixar exarado o seu preito de saudade.

Estas propostas foram aprovadas por aclamação.

Mais resolveu, a mesma assembleia, tambem por aclamação, e por proposta do sr. Silva Leal, que disse igualmente algumas palavras de saudade ácerca do finado, de quem foi amigo intimo, que, em vez do vulgar officio comunicando estas nossas homenagens, fosse a propria meza da assembleia geral apresentar á familia do extinto as condolencias da associação dando-lhe ao mesmo tempo parte das comemorações que a mesma associação tenciona fazer.

Seguidamente é lido o expediente, que consta das quatro cartas que seguem.

Do sr. visconde da Torre da Murta :

«Rogo a V. ex.^a a fineza de me desculpar perante a assemblea geral, que deve ter logar ámanhã á noite, da minha falta de comparencia motivada pela minha desequilibrada saude que me não permite sair de casa durante a noite.

E' certo que será feita pela assemblea uma manifestação de sentimento pelo falecimento do nosso digno presidente sr. Adolfo Loureiro. Associo-me a essa devida manifestação, não só como socio, mas tambem como respeitador das elevadas qualidades moraes do snr. Loureiro, admirador da sua vasta illustração e apreciador da sua esmerada e fina educação. Desculpe me V. ex.^a a liberdade de o incommodar com esta incumbencia e creia na estima e consideração, etc. Lisboa, 29 de novembro de 1911.»

Do sr. dr. Leite de Vasconcellos :

«Por ter de assistir hoje a outra sessão, á mesma hora, não posso comparecer a esta.

Como certamente se faz commemoração do fallecimento do nosso saudoso presidente, associo-me sentidamente a ella.

Aproveito a occasião para dizer o seguinte. Na Faculdade de Lettras tenho a meu cargo uma aula de Archeologia. Uma vez ou outra desejava trazer os meus alumnos ao Museu da nossa

Sociedade. Por não saber se, como socio tenho o direito de fazer isso ou não, na duvida, peço á sociedade auctorisação para aquellas visitas.»

Do sr. Julio Augusto Ferreira :

«Não me permittindo o precario estado da minha saude assistir á sessão de hoje, rogo a V. ex.^a a extrema fineza de, em meu nome, declarar á Assembléa geral, que me associo de coração e alma, ás manifestações de pesar pelo falecimento do nosso venerando presidente, general A. Loureiro, e a todas as homenagens que a nossa dilecta Associação, hoje coberta de crêpes, deliberar prestar á memoria de quem, com tão desvellado amor, tão profunda dedicação e tão elevado patriotismo, presidiu aos seus destinos, e cuja irreparavel perda sinceramente deploro.

Antecipando á V. ex.^a os meus agradecimentos, me subscrevo com elevada consideração, etc.»

Do sr. Victor Ribeiro :

«Não me sendo possivel comparecer hoje á sessão, e considerando que ella deverá, antes de tudo, consagrar-se á homenagem funebre, á nossa ultima homenagem ao extincto e saudoso presidente, o general Adolfo Loureiro, rogo a V. ex.^a a fineza de mandar lêr em sessão esta minha carta, desejando que as palavras de sincero pesar que nela envio fiquem registadas e transcriptas na acta, como a expressão pessoal em que a minha pena não soube, infelizmente, traduzir a magua enorme que me assoberba.

Não cabe nestas palavras doridas o elogio de Adolfo Loureiro. Não cabe o seu elogio funebre no ambito da sessão de hoje. Cumpre porém que cada um de nós, neste momento triste, venha trazer, como preito da sua homenagem derradeira ao nosso falecido presidente e amigo, uma demonstração do seu sentimento.

A perda de Adolfo Loureiro é uma perda nacional. A sua

excepcional competencia technica ficou vinculada gloriosamente a obras publicas da maior importancia, como as dos nossos portos commerciaes. Mas a essa elevada competencia, aliava Adolfo Loureiro uma probidade inconcussa, um bom senso pratico, elevados dotes literarios, um caracter diamantino e uma dedicação patriótica, sem limites; todo este conjuncto de qualidades primorosas e raras, juntas á despreensão simples e captivante, que só acompanha o verdadeiro talento, asseguraram-lhe o logar preponderante, a auctoridade reconhecida e estimada por todos. E, como se tudo isto não bastasse, tinha ainda o venerando ancião (ancião pela idade, que para o trabalho constante e pertinaz era mais energico e vivo que a maioria dos novos) um espirito claro, desempeirado, que acompanhava consciente e inteligentemente os progressos evolutivos da sociedade, em logar de se acantear nas perrices bisonhas e absurdas de velharias caducas. Por isso, quando a Revolução, pondo termo subito a um regimen condemnado, proclamava em Portugal, entre as aclamações do povo, o novo regimen republicano, Adolfo Loureiro teve occasião de reconhecer qual era o seu prestigio; e viu a sua auctoridade e o seu saber recebidos com acatamento e estima pelo Governo Provisorio. Os ministros do Fomento srs. Antonio Luis Gomes e Brito Camacho protestaram-lhe por palavras honrosas e por actos de deferencia e estima o elevado apreço em que eram tidos os seus conselhos. Alto entendimento, aberto a todos os progressos do espirito! Elevado caracter e eminente competencia lhe grangearam esta lisonjeira e patriótica situação.

No nosso gremio scientifico, porém, a perda de Adolfo Loureiro, representa uma gravissima calamidade. Lá fóra no Conselho Superior de Obras Publicas, difficil será achar quem reuna as suas excepcionaes qualidades em serviço da Patria. Aqui, sem desprimor para nenhum dos que teem occupado o elevado cargo da nossa Presidencia, eu julgo que Adolfo Loureiro consubstanciou na sua simpática personalidade todo o ideal que nos é licito desejar para aquelle honroso cargo. Archeologo apaixonado, Adolfo Loureiro não era só o engenheiro sabedor na direcção dos trabalhos publicos, mas possuia a alma do literato e do archeologo, revelada nas paginas dos seus volumes cheios de erudição, recheiados de investigações e de informações preciosas, bem como

na prosa elegante e facil dos seus livros de contos e de viagens. Era uma alma sempre nova num coração cansado pelos anos; era para nós outros, muito especialmente, um amigo dedicadissimo, que nem um momento, até á morte, descurou os interesses da Associação e da sciencia, ás quaes prestou tantos e tão relevantes serviços.

Cidadão prestante, engenheiro illustre, arqueologo dedicado, primoroso homem de letras, bibliofilo e artista, sob quantos aspectos nos cabe prantear a morte de Adolfo Loureiro! A todos nós, que com ele convivemos, e que, com orgulho o podemos dizer, nos esforçámos em prestar-lhe todas as provas do amor, do respeito e da afectuosa simpatia, com que na nossa colectividade o apreciavamos e estimavamos, cabe agora tão sómente chorar a falta do grande e respeitavel Amigo, de quem guardamos no fundo do nosso coração a mais saudosa e indelevel lembrança. Pelo que me toca, a mim que o conhecia e tratava apenas desde a sua eleição á presidencia, e que já me ufanava hoje de contar com um recanto da sua boa e tão apreciavel amizade, pungente me ficaria a magua se não viesse aqui deixar bem frisantemente assignalado o meu pesar, e se na acta de hoje não ficasse consignado o meu singelo, despretencioso, mas sincero e comovido voto de sentimento por aquele que passou e de quem restará sempre no meu coração e no meu espirito a impressão profunda da *saudade*.»

Pede a palavra (depois de ser lido pelo sr. presidente da mesa um interessante artigo ácerca do extinto, subscrito pelo Dr. Brito Camacho) o sr. D. José Pessanha que, em nome da direcção se associa não só ás palavras proferidas pelo sr. Carvalheira, como tambem ás propostas pelo mesmo senhor apresentadas, fazendo em seguida, em breves palavras, o elogio das altas qualidades de character, da grande illustração e da superior envergadura do extinto a quem esta associação ficou devendo inumeros beneficios.

Seguidamente usou da palavra o signatario desta acta em louvor das qualidades do saudoso finado que o honrou com a sua amizade e de cujo interesse pela associação pode dar novos testemunhos, oferecendo á mesma algumas das muitas cartas que

lle escreveu em que demonstrava, pela constante preocupação, o mais devotado interesse por esta coletividade.

Seguidamente, depois de se resolver expedir avisos para a sessão do proximo dia 7, que se dedicará exclusivamente a este assumpto, foi encerrada esta, ás 11 horas da noite.

O Secretario

GUSTAVO DE MATOS SEQUEIRA.

ACTA N.º 65

Sessão da Assembleia Geral em 7 de Dezembro de 1911.

PRESIDENTE — Rosendo Carvalheira.

SECRETARIOS — Nogueira de Brito.

» — Matos Sequeira.

Foi aberta a sessão ás 9 horas da noite, estando presentes, além da mesa, os socios srs. Mena Junior, D. José Pessanha, Rocha Dias, Ernesto da Silva, Luiz Bettencourt e João Rodrigues Fernandes.

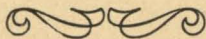
Foi lida e approvada a acta da sessão anterior, trocando-se em seguida impressões entre os socios presentes ácerca do novo presidente a eleger. Fixaram-se depois os pontos principaes da commemoração a fazer á memoria do saudoso presidente o general Adolfo Loureiro, resolvida na sessão anterior e não havendo mais assumptos a tratar, encerrou-se a sessão ás 10 horas e meia da noite.

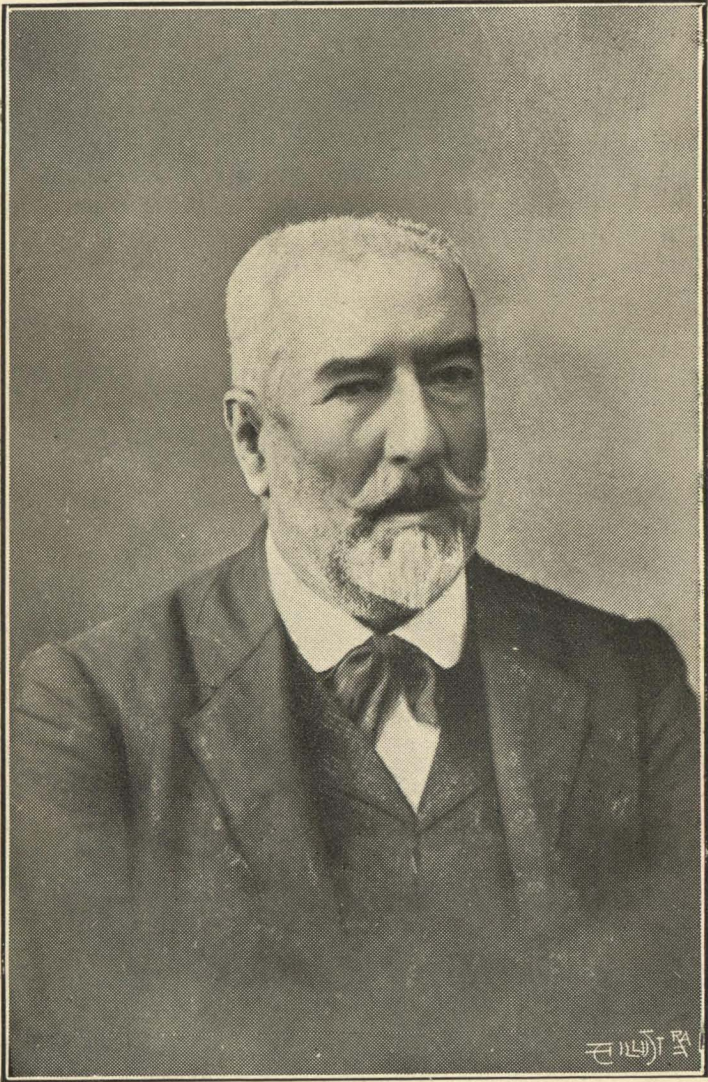
O Secretario

GUSTAVO DE MATOS SEQUEIRA.

Do Relatorio da Direcção extrahimos os periodos que se seguem :

«Adolpho Loureiro que á sua excepcional competencia como engenheiro alliava notaveis faculdades litterarias, uma solida erudição historica e profundo conhecimento da archeologia nacional, consagrava a esta Associação um entranhado amor. Tão repetidas e frisantes foram as provas que desse amor lhe deu, ainda nos momentos em que os seus soffrimentos eram mais crueis, tão inexcivelmente dedicada foi a maneira como desempenhou o cargo de presidente da assembléa geral, tão perseverante e efficaz foi o modo como exerceu as funcções de medianoiro entre nós e o Governo, que fariamos injuria aos nossos consocios, se pretendessemos recordá los agora.»





Gabriel Victor do Monte Pereira

GABRIEL PEREIRA

Gabriel Victor do Monte Pereira nasceu na cidade de Evora a 7 de março de 1847.

Terminados os seus estudos preparatorios cursou a Escola Naval, não concluindo o curso.

Exerceu o magisterio secundario na cidade de Setubal, e foi depois empregado na secretaria da Misericordia de Evora, onde organisou o importante cartorio daquela benemerita casa.

Em 1887 foi admittido para trabalhos bibliographicos na Bibliotheca Nacional de Lisboa, sendo pelo decreto de 29 de dezembro do mesmo anno nomeado conservador e director da dita Bibliotheca; por decreto de 13 de novembro de 1902 nomeado Inspector geral das bibliothecas e archivos publicos, e pelo decreto de 18 de março de 1911 colocado Inspector das bibliothecas eruditas e archivos.

Tinha a carta de perito paleographo.

E' vasto o catalogo dos seus trabalhos, que foram publicados, salientando-se:

«Dolmens ou antas dos arredores de Evora» — «Invasão dos Normandos na Peninsula Ibérica» — «Documentos relativos á Historia e Geographia da Peninsula Ibérica» — «Estudos Eborenses», collecção de 36 monographias interessantissimas para a historia e descripção de Evora. — Documentos historicos da cidade de Evora, Partes 1.^a 2.^a e 3.^a (que não concluiu). — «Catalogo dos pergaminhos do cartorio da Universidade de Coimbra» — e varios opusculos sobre — «Bibliothecas e Archivos» — «Monumentos Nacionaes» — Os Esmaltes e Pinturas da casa Palmella» — «Exposiçào de Cartographia na Sociedade de Geographia de Lisboa» —

«Museu Nacional de Bellas Artes» — «Pelos Suburbios e visinhanças de Lisbõa» — etc.

Foi presidente da Commissão dos Monumentos nacionaes; na Sociedade de Geographia de Lisboa, foi director de varias secções; na Sociedade Litteraria Almeida Garrett, era socio fundador e vogal do Conselho director; no Instituto de Coimbra, socio correspondente; era tambem da Academia das sciencias de Lisboa e da de Portugal.

Na nossa Associação foi durante muitos annos secretario da meza da Assembléa geral, presidente da secção de Archeologia, conservador do Museu e director da publicação do nosso *Boletim*, onde se encontram trabalhos seus muito curiosos.

Faleceu em Lisboa a 16 de dezembro de 1911.

Na sessão da Assembléa geral realisada em 21 de dezembro ha referencias elogiosas merecidas á sua memoria.

Preito de saudade

Arrebatou a morte, não ha muito, um dos socios mais presentes e antigos da Associação dos Archeologos Portuguezes; auxiliar valioso, intelligencia robusta e solida illustração; companheiro fiel e amigo seguro!

Presta hoje esta Collectividade no seu Boletim a justa e devida homenagem á memoria do illustre finado, o senhor Gabriel Pereira!

Por dever de antiga e sincera amizade cumpre-nos cooperar neste preito com a nossa pequena e pobre contribuição; pequena pela fórma, restricta e mesquinha no conceito; pobre pelo estylo, sem galas nem opulencia de linguagem que a adornem e enflorem; porém grande pela saudade que a inspira; rica pelas recordações que aviva, pelos sentimentos que desperta!

O senhor Gabriel Pereira alliava a bondade affectuosa com a rigidez de principios; a candura tocante com a elevação e rectidão dum espirito superior e a dignidade austera com essa modestia que é o pudor do espirito!

Pelo seu valor moral, intellectual e esmerada cultura do seu espirito, recomendou-se á nossa estima, á nossa veneração, á nossa amizade; sentimentos que elle sabia apreciar, corresponder, estreitar e fortalecer com o seu tracto sincero e benevolo que tantas affeições lhe conquistou!

Desde longa data fomos companheiros do senhor Gabriel Pereira na qualidade de membros da Real Associação dos Architectos e Archeologos, hoje Associação de Archeologos Portuguezes, tendo, durante largos annos, occasião de apreciar a variedade das suas aptidões e superior intelligencia, encontrando-o sempre prompto na vontade e desvelado em cumprir com cabal proficiencia e criterio os seus encargos por fórma a honrar, dar lustre e credito á Associação.

Dos relevantes e variados serviços que lhe prestou com dedicação e zelo; dos numerosos e interessantes estudos que publicou, fructo do seu talento, indefessa applicação e actividade prestante, cabe a penna mais apurada, a competencia mais auctorisada dar conhecimento delles em noticia mais desenvolvida e adequada que abranja a sua biographia e a descripção dos seus trabalhos, apreciando e avaliando o seu merito na balança da imparcialidade.

Nós apenas somos uma voz escura no côro dos admiradores daquella intelligencia, daquella homem de bem!

Vimos sómente manifestar a dolorosa surpresa que nos causou a triste noticia do subito fallecimento do senhor Gabriel Pereira, a vehemente magua que sentimos por este infausto successo; quanto nos punge a perda dum amigo tão distincto e apreciavel; prestar á sua memoria uma homenagem de veneração; um tributo de respeito ao seu nome que dispensa elogios; finalmente desfolhar uma flôr de saudade sobre a sua campa e dizer-lhe o derradeiro a-Deus!

VISCONDE DA TORRE DA MURTA

No funeral de Gabriel Pereira

Meus senhores:

A morte tem sido, ultimamente, de uma implacavel crueldade para com a *Associação dos Archeologos Portuguezes*, em cujo nome venho proferir doridamente algumas palavras deante do feretro do meu saudoso chefe, amigo e mestre, Gabriel Pereira.

Ha um anno, Sousa Viterbo; ha um mês, Adolpho Loureiro; hontem, Gabriel Pereira!

Não é para este logar, nem poderia ser feito sem largo e ponderado estudo, o elogio do erudito archeologo.

Quero apenas esboçar alguns aspectos da sua alta individualidade, para accentuar quanto a sua perda é sensivel para a *Associação dos Archeologos Portuguezes*, que nelle tinha um dos seus membros mais sabedores e mais dedicados; para as lettras, para a historia e para a archeologia nacional, e, ainda, para o functionalismo, em que, pela sua rara competencia para o alto cargo que desempenhava e pela sua não vulgar dedicação ao serviço publico, representava, — porque não hei de dizê-lo neste logar, que não é para mentiras nem lisonjas? — uma rara excepção.

No começo da sua carreira de escriptor, Gabriel Pereira cultivou a litteratura, como quasi todos os nossos intellectuaes, revelando, nos contos que publicou, a par de qualidades muito apreciaveis de homem de lettras, o alto e nobre intuito de instruir, educar e moralizar.

Mas a historia, a archeologia, a decifração dos velhos e enrugados pergaminhos, a leitura das chronicas, a interpretação das inscrições lapidares, o estudo dos monumentos, prehistoricos e historicos, em breve o attrahiam, exercendo sobre o seu espirito um poder de seducção que jámais se extinguiu ou affrouxou.

Concorreu, talvez, para essa preferencia o facto de Gabriel Pereira viver então em Evora — sua terra natal. Quem vive em Evora e tem um espirito culto, sente-se attrahido irresistivelmente para o estudo do passado.

E' que, na velha e historica cidade de além do Tejo, tudo nos falla dos seculos volvidos, incitando nos a procurar desvendar-lhes os mysterios e segredos, tudo, desde a designação das ruas, por vezes tão expressivamente pittoresca, até aos monumentos que ella encerra e que, numa série completa, sem lacunas, que começa no templo chamado de Diana e termina na capella mór da alterosa e guerreira sé, documentam frisantemente todos os periodos da evolução da Arte, desde a epoca romana até á epoca de D. João V.

Foi sobretudo então, foi principalmente nesses annos de tranquilla e monotona vida provinciana, que elle enthesourou o opulento cabedal de erudição que lhe permittiu escrever a longa e interessantissima série de monographias a que deu o titulo geral de *Estudos eborenses*, e muitos outros valiosos trabalhos a que deixa ligado o seu nome, e que lhe permittiu tambem desempenhar, com uma proficiencia que difficilmente será igualada, o cargo de conservador-director da Bibliotheca Nacional de Lisboa e, depois, o de inspector das bibliothecas e archivos, e, ainda, o de presidente do Conselho dos Monumentos Nacionaes.

Essa erudição, — thesouro que ia enriquecendo dia a dia, lendo sempre, estudando sempre, observando sempre, anotando sempre, — punha-a Gabriel Pereira, generosamente e sem restricções, ao serviço de quantos se lhe dirigiam, de quantos o consultavam, fossem conhecidos ou desconhecidos! Raras das pessoas, que me dão a honra de me ouvirem, deixarão de o saber por experiencia propria. E' que elle era de uma modestia e de um despreendimento que raras vezes se encontram.

A sua modestia, excessiva, exaggerada, revelava-se em tudo: — até no seu trajar, até na fôrma externa das suas publicações, — em geral, pequenos folhetos de trinta ou quarenta paginas, da mais singela e banal execução typographica.

Disse o grande Epico:

O sabio não vae todo á sepultura:
Na memoria dos homens vive e dura.

Mas Gabriel Pereira não era apenas um sabio, um erudito, não sé distinguia sómente pelo seu valor intellectual; impunha-

se e distinguia-se tambem pelo valor moral, que, n'elle, não revestia só a fôrma austera e fria da honra, mas tambem a fôrma doce e tocante da bondade, da indulgencia, do carinho...

Duplo motivo, pois, para que a morte não represente para Gabriel Pereira o aniquilamento e o olvido, e, pelo contrario, a sua memoria viva sempre em nós e naquelles que depois de nós vierem, aureolada de veneração, de reconhecimento e de saudade.

17 · XII · 1911.

D. JOSÉ PESSANHA.

ACTA N.º 66

Sessão da assembléa geral em 31 de Dezembro de 1911.

PRESIDENTE — Rosendo Carvalheira.

Servindo de } Nogueira de Brito.
secretários } Luiz de Bettencourt.

Aberta a sessão ás 9 e meia da noite, estando presentes além da meza, os dignos socios Affonso Dornellas Cysneiros, D. José Pessanha, Eduardo da Rocha Dias, Antonio Cezar Mena Junior, Jacintho de Bettencourt e José Queiroz.

Lida e approvada a acta da sessão anterior, leu-se o expediente constante de uma carta do sr. Gustavo de Mattos Sequeira, justificando a sua falta á presente sessão e declarando associar-se á manifestação de pezar pelo fallecimento do nosso insigne e illustre consocio sr. Gabriel Pereira; uma carta do sr. Ernesto da Silva justificando a sua falta.

Seguidamente o sr. Presidente declara dever ser a presente sessão exclusivamente consagrada á memoria do fallecido e erudito consocio sr. Gabriel Pereira, traçando em seguida em termos

sentidos e eloquentes o seu elogio; declarando que, após usarem da palavra os socios que sobre o fallecido se inscreverem, propunha que, em signal de profundo sentimento, fosse encerrada a sessão; antes porém, de entrar na consagração do saudoso extinto concedeu a palavra ao sr. Mena Junior que apresentou á Assembléa uma photographia hoje rara, representando a parte do Convento do Carmo, onde se vê o antigo cruzeiro, ha muito demolido pelas obras que se effectuaram para a construcção do elevador de Santa Justa; propõe o mesmo sr. que seja lançado na acta um voto de sentimento pela morte da sogra do nosso consocio sr. Silva Leal, bem como lhe seja communicada esta deliberação e proposta, o que foi approved pela assembléa com justa sympathia pelo prestimoso consocio sr. Silva Leal.

Pelo sr. Jacintho de Bettencourt é mandada para a meza a fim de seguir os tramites legais uma proposta, que é lida na meza, de candidato a socio desta Associação, o sr. Alberto de Gusmão Navarro, sendo proponentes além do socio que a entregou, os srs. Affonso Dornellas, Nogueira de Brito e o signatario desta acta.

Propõe o sr. Presidente se communique ao sr. Sertorio do Monte Pereira, irmão do saudoso consocio sr. Gabriel Pereira, quão grande é o pezar e profundo sentimento desta Associação por tão irreparavel perda, o que é unanimemente approved.

Entrando-se em seguida propriamente na ordem da noite consagrada á memoria do sr. Gabriel Pereira, foi pelo sr. Presidente dada a palavra ao sr. Nogueira de Brito que pungida e eloquentemente leu o discurso seguinte:

MEUS SENHORES: — Pedi a palavra para me desempenhar d'um dever que a minha consciencia me impunha, com aquella rigidez que deve caracterisar todas as consciencias impulsionadas por um indomavel espirito de justiça e humanidade. Não é o meu temperamento muito propenso a estas exteriorisações do sentimento; atravesso, porém, uma crise tão angustiada, que me é indispensavel dizer duas palavras sequer, á memoria d'esse denodado batalhador que se chamou Gabriel Pereira. Faço-o por muitos motivos, de natureza diversa. O homem a quem a fatalidade arremessou para as geladas cryptas da morte, foi além

d'um estudioso intemerato, um caracter cheio d'essa pureza de intenções que dia a dia vae rareando no nosso meio, convulsionado pela febre d'uma politica intensa, que tem transformado o solo do nosso paiz n'um campo de ambições desbravadas, e que, a continuar, ameaçaria converter o pacato cidadão portuguez n'um aleivoso perturbador de tudo o que porventura possa representar de austero e simples. Este facto impõe-se tanto mais á nossa observação, quanto é certo que o erudito Inspector das Bibliothecas e Archivos vivia alheiado d'essas paixões torpes e desconchavadas, e direi mesmo, compenetrando-se d'ellas, pouco á vontade, n'este meio de luctas estereis! Gabriel Pereira foi uma d'essas organizações de privilegio que marcam uma epoca, com caracteres indeleveis e fulgidos. Nunca o investigador esmoreceu na sua faina insistente e cerrada.

Quem o visse atravessar esses arruamentos da capital, onde vegetam legiões de inuteis, não diria decerto que aquelle homem desalinhado no seu vestir, e brando, suave, no seu pisar, representava uma das glorias mais vernaculas da nossa historiographia, que sabia com a minudencia com que o medico manuseia o seu estylete, descellular dos nossos pergaminhos a essencia, ao mesmo tempo pura e severa, dos escaninhos da nossa historia. Arrancava dos codices adormecidos, n'esses archivos e bibliothecas de Portugal, a seiva que aviventa esta nossa nacionalidade, que, dir-se hia, que de tanto produzir e fecundar se vem definhando ultimamente com tanta intensidade, estando cançada, quem sabe? da sua obra de oito seculos. Gabriel Pereira, fosse qual fosse o recanto do mundo em que a sua actividade se exercesse, seria sempre notavel pelas suas raras aptidões, E quando me lembro da penuria de que o nosso paiz enferma, ao attentarmos no que elle possue de authenticico na sciencia de investigação historica, n'esse momento então é que eu vejo desoladamente a falta irreparavel que todos nós soffremos com a perda d'esse homem verdadeiramente extraordinario, e cuja substituição não se me antolha, como sendo empreza muito facil, n'este momento. E quando me refiro á sua preponderancia, como historiographo, não me esqueço da sua proficiencia no cargo que exercia no mechanismo bibliothecario. Atravessamos, meus senhores, um periodo singular na historia politica europeia, que não podemos deixar de enca-

rar com desconfiado interesse. E' vulgar ouvir por esse paiz fóra trenos de Jeremias, sobre o estado de incultura, em que o nosso povo se encontra. Fere-se constantemente a nota da ignorancia popular. Não venho eu decerto enfraquecer esse propagandismo salutar, de querer dotar a nossa nacionalidade com os conhecimentos scientificos e artisticos que são hoje a principal preocupação dos governantes europeos. O que desejarei, comtudo, é que o sementeiro seja dotado de bôa mão para o cultivo. E' preciso termos sempre presente aquella phrase de Xênóphanes que dizia «*que para achar um sabio era necessario sê-lo*». Rasão de sobejo, tinha o celebre philosopho colophonês, que se é certo que a impiedade n'elle predominava, nem por isso deixava de saber o que a humanidade valia nas suas mais rasgadas manifestações.

As sociedades, que não são mais que um agregado de individuos, necessitam de quem as encaminhe e robusteça. Urge, porém, que quem o faça, disponha d'uma auctoridade solida e reconhecida. E para que possamos aquilatar das responsabilidades que, naturalmente, impenderão sobre a pessoa que de futuro superintenderá á Inspeccão das Bibliothecas, necessitaremos indubitavelmente de tactear tudo o que de momento encontramos n'esta arena dos Archivos e Bibliothecas. Com que desalento vemos a escassez de verdadeiras vocações para esta especialidade. Sem querermos compulsar o merecimento de individualidades extranhas á engrenagem archivística, embora estritamente integradas n'ella, pelos seus conhecimentos especiaes, e n'este plano citaríamos: Braamcamp Freire, Brito Rebello, Gama Barros e Sampaio Bruno, etc.; quem ha ahi por esse deserto de insignificancias historicas que possa preencher a elevada investidura de timoneiro dos serviços bibliothecarios? Seja-me consentido, meus senhores, que cite como satisfazendo a esses notaveis requisitos tres homens para quem vae toda a minha admiração e a respeito dos quaes, ninguem que tenha a consciencia da responsabilidade d'este *métier*, poderá formular quaesquer indecisões. Refiro-me aos srs. D. José Pessanha, Pedro Azevedo e José Antonio Moniz. E quando cito estes nomes, dois dos quaes nos honramos de ter por consocios, não quero referir-me a outros que embora de bom valimento não se encontram actualmente ao serviço das Bibliothecas e Archivos, isto é, desviados uns por reforma e outros por deri-

vação para outros logares, que aliás desempenham proficientemente. Não tenho pois duvida em affirmar que os tres funcionarios evocados, são os unicos que, pela sua real vocação, têm jus a dirigir as Bibliothecas e Archivos. Tudo o mais que se pretenda atirar para a liça, occupa um plano secundario, muito secundario mesmo, embora a vaidade humana pretenda apodal-os de astros de primeira grandeza, quando é certo que nem sequer logram a classificação d'uma das estrellas das Hyades ou das Pleiades, constellações de inferior cathegoria na nomenclatura celeste.

O valor d'estas tres personalidades ainda mais se evidencia, n'um ambito desgraçado, como é infelizmente o dos archivos e bibliothecas, onde enxameiam verdadeiras nulidades. Não basta pôr ao serviço d'estes estabelecimentos uma boa vontade decidida, é preciso mais do que isso: seleccionar do existente o que effectivamente signifique esforço e competencia. Conto em que a benevolencia de meus illustrados consocios não levará a mal estas considerações, aliás justificadas, não só no que se possa relacionar com a individualidade de Gabriel Pereira, como ainda por ser eu um funcionario dos archivos (ainda que dos mais modestos e dos menos classificados) em cujo recinto entrei pela mão de Gabriel Pereira, que antes, a despeito da sua verdadeira intenção, m'a não tivesse dado; porque, se sou olhado com benevola consideração, por algumas entidades affeitas á justiça, outros ha que se comprazem em inclinarem-se para onde menos o devem fazer, calcando os principios da justiça universal, e antepoñdo á verdadeira razão a mesquinhez dos seus processos. Por isso quando vejo despreñida dos vinculos corporeos essa alma de eleição, que se chamou Gabriel Pereira, contristo me avassaladoramente, com a sua ausencia e pranteio com indignação o facto de vêr que a par das manifestações de sympathia á sua memoria, collectividades houve que se arreceiaram de expandir-se como se aquelle homem scientifica e moralmente, não merecesse a mais rudimentar manifestação de carinho; elle que, pela mesma forma por que disseminava os seus fulgores scientificos, dava, ás mãos largas, o seu patrocínio fraternal, a quem talvez d'elle não era merecedor. Sim, meus senhores; as duas Academias de Sciencias do paiz disseram-lhe comovidamente o derradeiro adeus, a Sociedade de Geographia pronunciou-lhe junto da campá uma ul-

tima palavra; a nossa Associação pela bôca auctorizada e justa do sr. D. José Pessanha levou junto do seu corpo inanimado a nossa homenagem; a Bibliotheca Nacional fez se ouvir pelo seu Director; só o primeiro archivo do paiz emudeceu, sem que uma simplès palavra echoasse por entre os monumentos mortuarios do cemiterio occidental; a perpetuar a saudade dos que ficavam.

Como, se possivel fosse, o seu corpo, onde se acoitou tanta bondade, estremeceria violentamente, se pudesse sentir ainda a ingratição d'aquelles, que não se deviam limitar a adula-lo em vida. Disse.

Terminado que foi, a assembléa unanime se manifesta agradavelmente impressionada pela bella oração que acabava de ouvir. O sr. Presidente tece os mais rasgados elogios ao sr. Nogueira de Brito pelo seu sincero e desassombrado discurso, e manifesta-se, com vivo protesto, profundamente pungido pela fórmula sobranceira e irritante com que o actual director da Bibliotheca se referiu ao illustre finado, junto á sua sepultura. O protesto do sr. Presidente é acompanhado por toda a assembléa.

Usa em seguida da palavra o sr. D. José Pessanha, para se associar em seu nome e da Direcção á homenagem feita á memoria de Gabriel Pereira; agradece em termos de vivo reconhecimento as amaveis referencias que lhe dirigiu, em seu discurso, o seu collega e consocio Nogueira de Brito; declara apresentar em nome do socio sr. Pedro d'Azevedo, o seu voto de sentimento pela perda do sr. Gabriel Pereira.

O digno Presidente declara encerrada a sessão, visto não haver mais inscriptos, sendo 10 e meia da noite.

Servindo de secretario

LUIZ D'ALBUQUERQUE BETTENCOURT.